

São Francisco Xavier

estratégias de constituição dum culto entre os séculos XVI e XVIII

*As representações
anacrónicas mostrando
Francisco Xavier a
baptizar os reis do México
ou catequizando
as crianças índias
são evidência clara
da fama que Xavier obteve
enquanto missionário.
Outras representações
mostram Francisco Xavier
baptizando as quatro
partes do mundo.
O próprio Santo
contribuiu para a sua
reputação na conversão.
Em cartas escritas do Sul
da Índia, em 1544,
Xavier observou que o
número de pessoas por ele
baptizadas era tão grande,
que, às vezes, os seus
braços caíam de cansaço.*

**Maria Cristina
Osswald**

CIUHE
– Universidade do Porto

Contextualização

A amplitude da difusão do culto e da iconografia de Francisco Xavier foi praticamente única na Idade Moderna. A partir da última década do séc. XVI, o culto e a representação artística de Francisco Xavier estendeu-se a todas as missões da Companhia de Jesus, através da dedicação de igrejas, altares e confrarias localizadas desde a África até à América, assumindo especial destaque no continente asiático. Francisco Xavier era nos sécs. XVI e XVII um tema favorito de um incrível número de disciplinas artísticas, desde a pintura, a escultura, a gráfica, a ourivesaria, tornando-se o jesuíta mais representando pela arte sacra católica posterior ao Concílio de Trento.

A grande variedade de cenários reais ou imaginários nos quais Francisco Xavier viveu e trabalhou determinaram a criação e a produção duma iconografia particularmente interessante, pois combina influências de contextos culturais e geográficos muito dispersos. Este vasto reportório inclui retratos, cenas ou ciclos hagiográficos, representações em vitae de Inácio de Loyola (votos de Manresa, a recepção dos primeiros companheiros pelo Papa e a despedida de Xavier de Inácio), assim como representações simbólicas de Francisco Xavier com Cristo, Nossa Senhora, outros santos e que representavam devoções características da Companhia de Jesus.

A conjugação do favor régio com o interesse da Companhia no fomento do culto a Francisco Xavier

Em 1555, mal a Cúria Romana da Companhia de Jesus teve a certeza da morte de Francisco Xavier, pretendeu iniciar uma investigação dos milagres a ele atribuídos (ainda em vida Francisco Xavier era conhecido como o Pai Santo) com vista à sua canonização. Todavia, as primeiras medidas concretas que estiveram na origem da canonização de Francisco Xavier deveram-se à Coroa Portuguesa. Em 1554 o corpo de Francisco Xavier, após ter sido trasladado da Ilha de Sanchuão em 1553, foi transportado para Goa, onde se encontra, devido a Goa ser então a capital política e eclesiástica do Império Português do Oriente e do Padroado Português do Oriente. O Rei de Portugal D. João III, em cuja corte Francisco Xavier tinha estado antes de partir para a Índia, iniciou oficialmente o processo de beatificação. A primeira armada que partiu em 1556 de Lisboa para Goa levava uma instrução real para o Vice Rei D. Pedro de Mascarenhas, na qual ordenava ao seu funcionário que procedesse à audição de testemunhas fiáveis acerca da vida exemplar e edificante de Francisco Xavier e que depois enviasse estes textos por três vias para a Corte em Lisboa. D. Pedro de Mascarenhas tinha entretanto morrido, tendo o seu sucessor Francisco Barreto implementado a instrução real entre 1556 e 1567, ao ordenar a audição de sessenta e três testemunhas nas cidades de Goa, Cochim e Bassein. Entre as pessoas ouvidas, encontravam-se várias pessoas que tinham conhecido pessoalmente Francisco Xavier¹.

O poder real português e posteriormente ibérico demonstrou desde cedo um interesse especial no túmulo de Francisco Xavier. Até finais do séc. XVIII, vários vice-reis e governadores foram enterrados junto ao mesmo túmulo. Por outras palavras, a posse do corpo incorrupto de Francisco Xavier foi um aspecto importante da política real portuguesa para legitimar o seu Império. Particularmente ilustrativo desta relação simbólica, quando, em 1683 o Rei Marata Sambaji tentou ocupar Goa, o Vice-rei Francisco de Távora colocou o seu bastão sobre o túmulo de Francisco Xavier. Mediante este acto, o vice-rei transferiu simbolicamente a sua responsabilidade e o seu poder para Francisco Xavier. O mesmo acto esteve na origem do costume dos vice-reis e governadores do Estado da Índia deporem o seu bastão nas mãos do Santo, quando voltavam a Lisboa. Cada sucessor tomava o mesmo bastão à chegada a Goa².

O Rei D. Pedro II e a sua mulher Maria Sophia Isabel de Sabóia partilhavam uma devoção especial por Francisco Xavier. Em 1699 D. Pedro concedeu o título de defensor do Oriente a Francisco Xavier. Por sua vez, D. Sofia mudou o seu nome de Maria Sophia Isabel para Maria Sophia Francisca em honra do Santo, tendo o seu filho nascido em 1691 sido baptizado com o nome de Francisco Xavier. De referir ainda que Maria Sophia encarregou ao P. António Vieira os famosos sermões “S. Francisco Xavier dormindo” e “S. Francisco Xavier Acordado” (1694)³. Em 1744,

¹ Maria Cristina Osswald, “The iconography and cult of Francis Xavier, 1552-1640,” *Archivum Historicum Societatis Iesu* 142 (2002), 260.

² Soares Rebelo, *São Francisco Xavier: luminar da missão e nas Descobertas Portuguesas*, Alcobaca, Tipografia Alcobacense, 1993, 44 e Georg Schurhammer, “Der Silberschrein Xavers in Goa. Ein Meisterwerk christlich-indischer Kunst”, in *Gesammelte Studien, Varia, Anhänge*, ed. Georg Schurhammer (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu), 1965, IV, 561-567.

³ Acerca destes dois sermões, consultar o estimulante estudo por Isabel Almeida, “Um pé na terra, outro nas estrelas: a propósito de S. Francisco Xavier nos Sermoens de Vieira”, *Brotéria* 163 (2006), 395-415.

durante uma das aberturas do túmulo, o corpo de Francisco Xavier foi vestido com uma rica vestimenta bordada a ouro para cumprir a promessa da sua antecessora D. Maria Francisca Isabel de Sabóia⁴.

O nobre japonês Ôtomo Yoshihige, Rei do Bungo teve igualmente um papel importante no fomento inicial do culto a Francisco Xavier. O Rei do Bungo, que tinha sido baptizado em 1551 por Francisco Xavier e cuja corte tinha servido de abrigo a missionários jesuítas perseguidos entre 1553 e 1560, enviou em 1582 quatro jovens nobres japoneses com cartas pedindo a beatificação de Francisco Xavier ao Papa Gregório XII e ao Rei D. Filipe II⁵. Segundo as próprias palavras de Ôtomo Yoshihige, pretendia-se “construir igrejas e altares, colocar imagens em honra de Francisco Xavier, celebrar missa e orar diariamente pela sua intercessão”⁶.

A literatura hagiográfica

A difusão das virtudes e da actividade de Francisco Xavier pela literatura a cargo da Companhia de Jesus data da década de 1570. A primeira biografia foi precisamente escrita pelo jesuíta português Manuel Teixeira entre 1575 e 1579, tendo sido enviada para Roma nos inícios de 1580. Embora esta biografia tenha sido impressa apenas em 1912, a mesma obra exerceu clara influência sobre as biografias seguintes de Francisco Xavier, tais como a biografia pelo P. Orazio Torsellino *De Vita Franciscii Xaverii* publicada em Roma em 1594⁷. Manuel Teixeira, que se tinha brevemente cruzado com Francisco Xavier c. 1552 em Goa, tinha tido acesso aos testemunhos das inquirições de 1556 e 1557, tendo ainda recebido de Paulo de Santa Fé o relato dos últimos dias de vida e da morte do Santo. Ademais, com base nos relatos de beatificação, Teixeira legou-nos a descrição física mais completa de Francisco Xavier, como foi difundida pela iconografia:

“Era o P. Maestro Francisco de estatura antes grande que pequena. O rosto bem proporcionado, branco e corado, alegre e gracioso. Os olhos bem entre castanhos e negros, a fronte larga, o cabelo e a barba negros. Trazia uma túnica pobre e limpa, e quando caminhava levantava-a um pouco com as duas mãos. Trazia uma sotaina sem cinto e sem mangas, como costumavam usar os sacerdotes pobres na Índia. Andava quase sempre com os olhos erguidos para o céu, com que, dizem, ganhava particular consolação e alegria, e assim andava o seu rosto tão alegre e inflamado, que causava muita alegria a todos os que o viam”⁸.

⁴Filipa Lowdes Vicente, “Canonização e Exposição do Corpo de S. Francisco Xavier em Goa,” *São Francisco Xavier, a sua vida e o seu tempo (1502-1552)*, Lisboa, Comissão Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier, 2006, 141.

⁵Georg Schurhammer, “Ein Fürstlicher Gönner des Hl. Franz Xaver: Ôtomo Yoshihige. König von Bungo Nach den gedruckten und ungedruckten zeitgenössischen Berichten aus Japan. Zum 3. Dezember”, in *Gesammelte Studien, Varia, Anhänge*, ed. Georg Schurhammer (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1965), V, 326-332.

⁶Archivum Romanum Societatis Iesu, *Japsin*. 186, *Carta de Yoshihige a Alessandro Valignano*, 4 Dezembro de 1583, 221.

⁷A primeira edição foi publicada em 1912 por M. Lecina e D. Restrepo integrada no segundo volume da compilação *Monumenta Xaveriana. (Monumenta Xaveriana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta/ Francisco Javier*, ed. M. Lecina e D. Restrepo (Madrid: Avrial, 1912), II, 815-918). Neste trabalho usamos a segunda edição datada de 1951. (Manuel Teixeira, *Vida del Bienaventurado Francisco Javier Religioso de la Compañía de Jesús*, ed. P. Ramon Gaviña SI, (Bilbao: Editorial «El Siglo de Las Misiones»), 1951.

⁸Teixeira 1951, 177.

A extraordinária personalidade e a actividade missionária de Francisco Xavier foram compreensivelmente salientadas por todos os autores de crónicas da Companhia de Jesus no Oriente a partir da crónica do jesuíta espanhol Luís de Guzmán, *Historia de las misiones que han hecho los Religiosos de la Compañía de Jesus, para predicar el sancto Evangelio en la India Oriental y en los Reynos de la China y Japón*, Alcalá, 1601. Finalmente, os relatos dos dois cronistas laicos do Império Português do Oriente, João de Barros e Diogo do Couto, assim como Fernão Mendes Pinto (o último assistiu à chegada do corpo de Francisco Xavier a Goa em 1554) contribuíram para a disseminação da actividade de Francisco Xavier⁹.

As repetidas edições das cento e dezassete cartas escritas ou ditadas por Francisco Xavier até poucos dias antes da sua morte e rapidamente traduzidas em várias línguas foram um outro aspecto importante usado pela Companhia de Jesus para difundir a personalidade e a actividade de Francisco Xavier não só entre os companheiros, como sobretudo fora da própria Companhia¹⁰. Não podemos ainda deixar de referir os compêndios dos milagres atribuídos à intercessão de Francisco Xavier, narrações da designação de Xavier como patrono de cidades, países, opúsculos descrevendo as festas de beatificação e canonização e ainda os sermões¹¹.

A iconografia

As primeiras medidas oficiais para a execução do retrato de Francisco Xavier foram tomadas cerca trinta anos após a sua morte e datam, por isso, pouco depois da primeira biografia de Xavier escrita pelo P. Manuel Teixeira. Provavelmente por decisão emanada de Roma, em 1583 o Visitador Alessandro Valignano ordenou a execução de dois quadros autênticos de Francisco Xavier a um pintor desconhecido em Goa. Um dos quadros permaneceu em Goa, enquanto o outro quadro com a *Vera Effigies* de Francisco Xavier foi enviado para Roma juntamente com uma carta. Como se lia nessa missiva, Xavier foi representado com as vestes que ele costumava usar na Índia, levantando-as um pouco com as mãos e os olhos erguidos para o céu, ou seja, baseado no próprio relato de Teixeira supra mencionado e constituindo, por isso, um retrato muito fiel do Santo. Infelizmente, ambos os quadros desapareceram,

⁹ Osswald 2002, 262-263 e Javier Añoveros Trias de Bes, "La vida de un santo contada a través de los siglos", in *San Francisco Javier en las artes – el poder de la imagen* (Pamplona: Gobierno de Navarra, 2006), 59-63.

¹⁰ A documentação atribuída a S. Francisco Xavier, que para a época não era particularmente vasta, é constituída por cartas privadas (*hijuelas*) destinadas ao Padre Geral, cartas endereçadas a seus companheiros na Europa, cartas para não jesuítas, incluindo as cartas ao Rei D. João III, assim como instruções ou cartas - regulamentos para os missionários no Oriente, como a Instrução Terceira ao Padre Barzeus, Reitor do Colégio de S. Paulo, as instruções para os missionários da Costa da Pescaria, e sobretudo as vinte e seis cartas dirigidas a Francisco Mansilhas, textos para a catequese (Instrução para os Catequistas da Companhia de Jesus), escritos espirituais que compreendem textos como as anotações aos Exercícios Espirituais, até textos como o Catecismo Breve (1542), o Modo de Rezar e salvar a alma (1548?), a Oração pela Conversão dos Gentios, Goa, (1548?), e ainda documentos vários de difícil classificação. [Eduardo Javier Alonso Romo, *Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier*, Braga, Universidade do Minho, 2000, 115-127, e Maria Cristina Osswald, "A Oração em São Francisco Xavier", *Via Spiritus* (no prelo)].

¹¹ M. Gabriella Torres Olleta, "De la hagiografía al arte. Fuentes de la iconografía de San Francisco Xavier", in *San Francisco Javier en las artes – el poder de la imagen* (Pamplona: Gobierno de Navarra, 2006), 74-95.



mas o retrato enviado para Roma foi copiado e usado como modelo da gravura ilustrando a biografia de Torsellino, a qual é, por isso, considerada como o protótipo iconográfico ou a *vera effigies* de Francisco Xavier¹². Como foi observado pelo P. Georg Schurhammer SJ, os pintores de dois quadros a óleo conservados actualmente no Colégio Romano e na Capela dos professores em Roma e que poderão datar ainda de finais do séc. XVI ter-se-iam inspirado na *Vera Effigies* então conservada em Roma¹³.

Aliás, as primeiras iniciativas para a beatificação de Inácio de Loyola e por extensão de Francisco Xavier tomadas em Roma em 1594 “incluíam não apenas os processos com as declarações das testemunhas, como também a propaganda por meio das imagens gravadas e pintadas”¹⁴. Como reflexo desta campanha para uma dupla canonização, em 1599 o Cardeal César Baronio autorizou a Companhia de Jesus a colocar os retratos de Francisco Xavier para a devoção pública no *Il Gesù*. A Companhia procurou sobretudo difundir os actos de Inácio de Loyola e de Francisco Xavier atra-

¹² Pilar Anduenza Unanua, “La vera effigies de San Francisco Javier: la creación de una imagen pós-tridentina”, in *San Francisco Javier en las artes – el poder de la imagen* (Pamplona: Gobierno de Navarra, 2006), 101.

¹³ Georg Schurhammer, “Das wahre Bild des Hl. Franz Xaver? Zum 3. Dezember”, in *Gesammelte Studien, Varia I, Anhänge*, ed. Georg Schurhammer (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1965), 213-214.

¹⁴ Alfonso Rodríguez Gutierrez de Ceballos, “La imagen de San Francisco Javier en el arte europeo”, in *San Francisco Javier en las artes – el poder de la imagen* (Pamplona: Gobierno de Navarra, 2006), 121.

vés das *Wundervitae* (como a designação alemã indica, tratam-se de vidas ilustradas com episódios taumatúrgicos) impressos a partir de 1600 e com a pintura de ciclos hagiográficos (Ciclo de S. Roque, Lisboa, c. 1619) ou quadros isolados (os dois quadros pintados por Rubens e mostrando respectivamente os milagres de Inácio de Loyola e Francisco Xavier para a Igreja de Antuérpia c. 1617), que em grande parte surgiram por ocasião das festividades de beatificação e canonização dos dois jesuítas.

As raras imagens ou esboços das celebrações que nos chegaram e sobretudo os relatos escritos das relações das canonizações dão-nos uma ideia da sua riqueza iconográfica expressa pela panóplia de pinturas, tapeçarias e esculturas. Como escreveu o autor da *Relaçam Geral das festas que fez a Religião da Companhia de Iesus da Província de Portugal, na canonização dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola seu fundador, & de S. Francisco Xavier Apostolo da India Oriental no anno de 1622*:

“A multidão das figuras, a variedade e a riqueza dos vestidos, o resplendor do ouro, o lustre das pedras, a grandiosidade das máquinas, a arquitectura dos carros, a pintura dos painéis, a novidade das danças, a suavidade da música tiveram tão ocupados os sentidos¹⁵”.

Afigura-se-nos fundamental recordar neste contexto que na Época Moderna as campanhas de beatificação e canonização eram preparadas com a difusão de reportórios de gravuras. Em particular, as autoridades romanas encomendaram ao gravador francês Valerius Regnartius a realização dum ciclo de dezoito gravuras reproduzindo os principais episódios da vida de Xavier sancionados pela bula de canonização e que em parte tinham sido escolhidos para decorarem a principal igreja da Companhia de Jesus, o Il Gesù, durante as celebrações de 1622. Este ciclo de gravuras foi posteriormente enviado para as províncias com o intuito de criar uma iconografia oficial uniforme. Esta série foi assim parcialmente reproduzida nos episódios dos relevos do túmulo em prata de S. Francisco Xavier entre 1637 y 1638¹⁶.

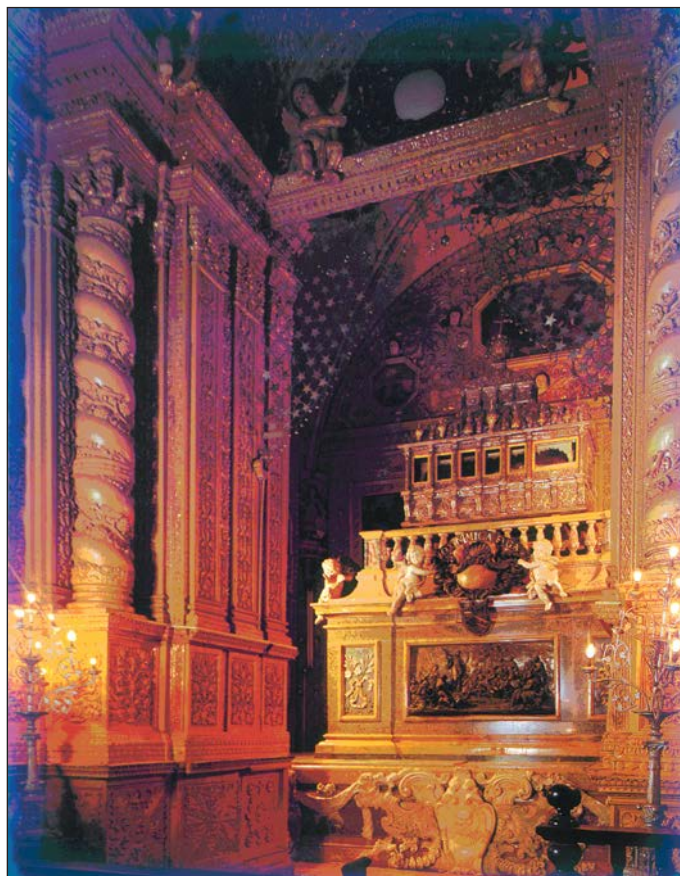
O corpo incorrupto de Francisco Xavier - aspecto fundamental de devoção

A posse dum corpo santo é um aspecto fundamental na formação do seu culto. Apesar de Francisco Xavier ter sido enterrado em cal viva para acelerar a decomposição do seu corpo, quando Diogo Pereira abriu o seu túmulo na Ilha de Sanchuão, às portas da China, para se proceder à sua trasladação para Malaca em 1553, deu-se conta com grande espanto que o mesmo corpo se encontrava incorrupto¹⁷. Como podemos ler no Compendio do Padre Muzio Vitteleschi (1622) cinco milagres foram atribuído ao seu corpo e autenticados por ocasião da sua canonização: “O primeiro a formosura, o suave e perpétuo odor que saía do corpo dele; o terceiro a incorrup-

¹⁵ *Relaçam Geral das Festas que fez a Companhia de Jesús na Provincia de Portugal, na canonização dos gloriosos Sancto Ignacio, & S. Francisco Xavier Apostolo da India Oriental no anno de 1622*, (Lisboa: Pedro Craesbeck, 1623), 16.

¹⁶ Maria Cristina Osswald, “Aspectos de devoción e iconografía del túmulo de San Francisco Javier en Goa”, in *Actas da Conferência International Conference Bridging Europe with Ásia: Francis Xavier. Fifth Centenary*, Goa, Janeiro de 2007 (no prelo).

¹⁷ Pamila Gupta, *The Relic State: St. Francis Xavier and the Politics of Ritual in Portuguese Índia*, (Phd apresentada à Columbia University, 2004), 88-89.



ção; o quarto conservar-se inteira a carne, embora tenha sido enterrado em cal viva, para que mais rapidamente se comera, e poder levar seus ossos”¹⁸. Foi igualmente considerado na época como quinto símbolo inequívoco da sua santidade que o seu corpo tivesse vertido várias vezes sangue fresco, quando amputados e extraídos vários órgãos, entre estes o seu braço direito em 1614, com o qual ele baptizava e que se encontra na Igreja do Gesù em Roma. A documentação refere ainda manchas de sangue de Xavier que eram veneradas como relíquias¹⁹.

O culto e a iconografia de Francisco Xavier foram beneficiados pela dupla trasladação do seu corpo de Sanchuão para Malaca e depois para Goa. Vários milagres por intercessão do corpo, tais como uma salvação durante um naufrágio, foram registados durante as mesmas trasladações. Ademais, desenvolveu-se um importante culto de Francisco Xavier, não só junto ao túmulo em Goa, como também ao redor dos dois anteriores túmulos em Sanchuão e em Malaca. À semelhança do túmulo de Goa, o

¹⁸ Muzio Vitteleschi, *Compendio italiano de la vida del Santo Francisco Xavier* (Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1630), 216.

¹⁹ A. B. Gonçalves, “Esclarecimentos relativos a algumas inexactidões históricas acerca do precioso depósito do Bom Jesus de Goa, o venerável Corpo do Santo Apóstolo do Oriente,” *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa*, 3 (1950), 128-132 e Gupta 2004, 83.

túmulo em Sanchuão tornou-se dispensador de milagres. Por tal razão, o reitor do Colégio de Macau decidiu reconstruir o mesmo túmulo, o qual foi consagrado a 2 de Junho de 1700²⁰.

De igual modo, várias das testemunhas ouvidas durante as inquirições de 1556 e 1557 referiram vários milagres atribuídos na altura à chegada do corpo a Malaca. Em especial, Manuel Teixeira, o primeiro biógrafo de Francisco Xavier, informa-nos acerca do culto por Francisco Xavier em Malaca. Para além da imponente recepção verificada à sua chegada a esta cidade, na qual participaram todos os notáveis locais, Teixeira menciona vários milagres relacionados na altura com esta chegada a Malaca. Destaca-se a cessação da peste em Malaca, facto atribuído à chegada do corpo a esta cidade. Documentos enviados para a Rainha de Portugal em 1566 referem que uma mulher teria ressuscitado na mesma altura. Uma conversão então considerada milagrosa foi de igual modo atribuída à chegada do corpo de Francisco Xavier a Goa²¹.

Durante a exposição do corpo incorrupto de Francisco Xavier, vários milagres teriam supostamente ocorrido, após a sua chegada a Goa e de acordo com testemunhos ouvidos nos processos de 1556 e 1557. Entre estes, um cego ter-se-ia curado ao tocar no corpo do Santo. Mais importante, apenas o som dos sinos da Igreja marcando a chegada do corpo a Goa teria estado na origem da cura duma mulher católica devida à sua fé. Como escreveu Pamila Gupta, “A «incorruptibilidade» do corpo de Xavier é ainda mais evidenciada pelos actos de veneração das relíquias durante o ritual. É o contacto físico – beijar e tocar – o seu corpo pelo público diverso de Goa que afirma a crença deles na sua «incorruptibilidade», permitindo assim que os seus poderes miraculosos se difundam por contágio²².

A devoção pelo corpo incorrupto de Francisco Xavier aumentou sobretudo depois da sua canonização e após a introdução em Goa da novena da graça pelo P. Francesco Mastrilli em 1636²³. Segundo o autor da carta anua de 1647, o número de visitantes do túmulo do P. Francisco Xavier em busca de saúde ou para agradecer uma cura aumentava de ano para ano, sendo particularmente grande durante a novena. Para acolher a multidão de peregrinos que se dirigiam ao túmulo de Francisco Xavier durante as ocasiões especiais, a igreja permanecia aberta durante toda a manhã. Existem ainda numerosas referências documentais a presumíveis curas em tais ocasiões²⁴.

A dispersão de relíquias corpóreas e de contacto

Para além do culto que se desenvolveu à volta do corpo e dos vários túmulos de Francisco Xavier, os jesuítas incentivaram a difusão dum incrível número de relíquias

²⁰ Cláudia von Collani, “Franz Xaver Grab auf Sanchuan”, in *Patron der Missionen*, ed. Rita Haup e Julius Oswald SJ (Regensburg: Schnell und Steiner, 2002), 136-129 e 142.

²¹ Maria Cristina Osswald, “Cultos e iconografias jesuíticas en Goa durante los siglos XVI e XVII: El culto e iconografía de San Francisco Xavier”, in *San Francisco Javier en las artes – el poder de la imagen*, Pamplona, Gobierno de Navarra, 2006, 245-246.

²² Pamila Gupta, “O estado «incorrupto»: biografias jesuítas, investimentos rituais, e a formação dum santo na Índia portuguesa”, *Brotéria* 163 (2006), 595.

²³ Gupta 2004, 115-116 e Osswald 2006, 247.

²⁴ Archivum Romanum Societatis Iesu, Goa 34.1, *Goana Historia, Breve Ragguaglio allo Stato della Provincia di Goa*, 1647, ff. 195-196.

corpóreas e de contacto ligadas à mesma figura, às quais foram atribuídas dons, como a capacidade taumatúrgica ou a incorrupção. Como escreveu Gabriela Torres Olleta, a iconógrafa mais reputada de Francisco Xavier na actualidade:

“Outra coisa admirável que se nos oferece nos prodígios da trasladação do nosso santo é a incorrupção das vestes sacerdotais com as quais o enterraram, (...)”²⁵

Por outras palavras, no séc. XVII distinguia-se a devoção pelas vestes sacerdotais incorruptas de Francisco Xavier, sobretudo pela sobrepeliz. Esta peça de vestuário eclesiástico era o hábito, com o qual Francisco Xavier teria procedido aos seus múltiplos baptismos, razão pela qual cobria o corpo do Santo nos túmulos de Sanchuão e Malaca. O cronista jesuíta Sebastião Gonçalves informa-nos ainda que várias pessoas, incluindo dois meninos, que se teriam curado, depois de terem beijado a sobrepeliz. Considerava-se esta relíquia especialmente eficaz nos casos de mulheres grávidas e dos seus filhos. Tais poderes taumatúrgicos levaram a excessos de veneração (os devotos mais fervorosos chegavam a arrancar bocados da sobrepeliz com os dentes) e motivaram a execução dum cofre em 1611, o qual foi substituído nos finais da década de 1630 pelo cofre actual em prata²⁶.



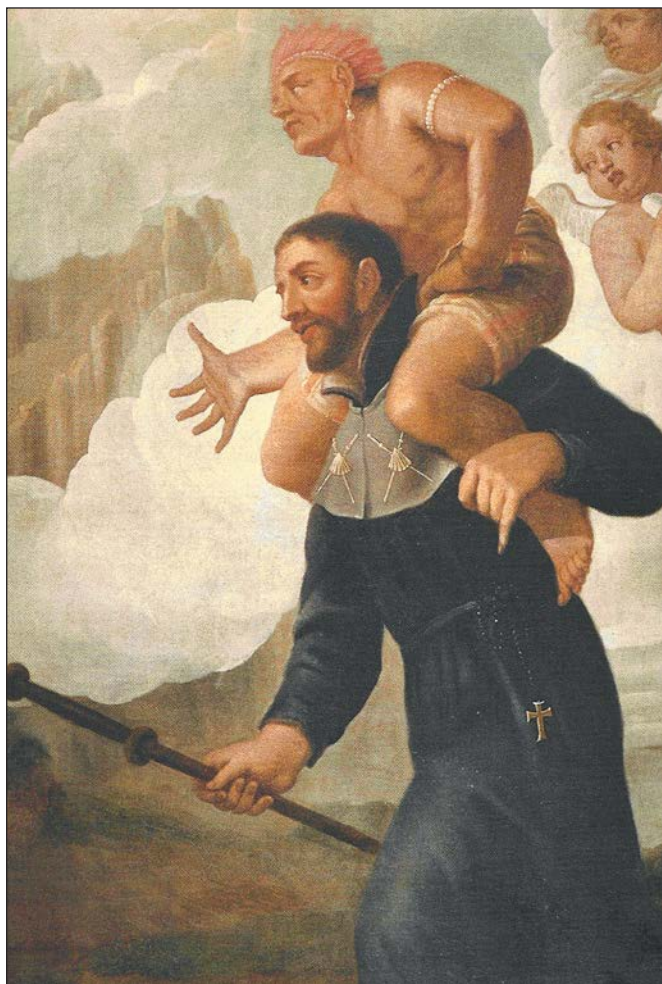
De igual modo, na Época Moderna destacou-se a difusão de órgãos e partes do corpo de Francisco Xavier. Tal prática afirmou-se sobretudo nos anos antecedendo a sua beatificação. Em 1614, por solicitação do Geral Cláudio Acquaviva, a parte inferior do seu braço direito, que era o braço com o qual ele baptizava foi cortado e levado para Roma, onde se encontra desde então à veneração pública num relicário sobre o altar dedicado a Francisco na Igreja do Il Gesù. A parte superior do braço foi, por sua vez, dividida pelos colégios de Malaca, Macau e Cochim em 1619. Muzio Vitte-

²⁵ Maria Gabriela Torres Olleta, *Milagros y prodígios de San Francisco Javier*, (Pamplona: Biblioteca Javeriana, 2005), 203.

²⁶ Sebastião Gonçalves S. J., *Primeira Parte da História da Companhia de Jesús no Oriente*, ed. Joseph Wicki (Coimbra, Atlântida, 1957), III, 454 e 523-527 e Maria Cristina Osswald, “S. Francisco Xavier no Oriente – aspectos de devoção e iconografia”, in *Actas da Conferência Internacional São Francisco Xavier nos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier: da Europa para o Mundo 1508-2006* (Porto: Universidade do Porto et. al.), 2007, 126-127.

leschi, geral da Companhia entre 1615 e 1645, ordenou, por sua vez, a extracção de órgãos vários do seu corpo e a sua distribuição pelas missões da Companhia espalhadas pelo mundo desde Tóquio a Colónia. Marcello Mastrilli SJ, em 1636 ao passar por Goa para agradecer a sua cura milagrosa ordenou não só a realização do actual féretro em prata, como conseguiu autorização para levar consigo parte do intestino, tendo depois oferecido a mesma relíquia *ex visceribus* à *Província das Filipinas*. Esta relíquia era considerada particularmente valiosa, pois pela sua natureza, é, por norma, uma dos órgãos que está mais rapidamente sujeito á degradação natural depois da morte. Também objectos usados supostamente por ele, tais como a campainha com a qual chamava os meninos para a catequese, os seus rosários e crucifixos conservam-se ainda em cidades como Munique, Dublin, Colónia, Lisboa ou Porto.

*Francisco Xavier,
"O Apóstolo do Oriente"*



Francisco Xavier ganhou um lugar na História do Cristianismo, devido aos dez anos (1542-1552) que passou em intensa actividade missionária no Oriente. Como é ilustrado pelas c. 15,000 *litterae Indiapeterum* conservadas no Archivum Romanum Societatis Iesu e que foram escritas por jovens candidatos europeus desejosos de seguir o extraordinário exemplo de Francisco Xavier, após a sua morte, Xavier tornou-se o protótipo do missionário ideal.

Francisco Xavier foi enviado para o Oriente, devido ao facto do seu companheiro Nicolau de Bobadilla, que estava inicialmente destinado à Missão do Oriente, ter adoecido. Por tal razão, o sonho que Francisco Xavier teria tido várias vezes em 1537 no qual carregava um gigante às costas, e que simboliza a predestinação da sua vocação missionária, foi uma das quatro cenas escolhidas para rodear o retrato de Francisco Xavier no frontispício da sua *vita* por Horácio Tursellino, Antuérpia, 1621. O tema foi definitivamente apropriado pela iconografia através da publicação da obra *Imago Primi Saeculi* em 1640 em celebração do primeiro centenário da fundação da Companhia de Jesus²⁷.



²⁷ Jean Bolland e Godefriedo Henschel, *Imago Primi Saeculi Societatis Iesu a Prouincia Flandro-Belgica eiusdem Societatis representata*, (Antuérpia: Ex Officina Plantin Moretus), 1640.

As representações anacrônicas mostrando Francisco Xavier a baptizar os reis do México ou catequizando as crianças índias são evidência clara da fama que Xavier obteve enquanto missionário. Outras representações mostram Francisco Xavier baptizando as quatro partes do mundo. O próprio Santo contribuiu para a sua reputação na conversão. Em cartas escritas do Sul da Índia em 1544 Xavier observou que o número de pessoas por ele baptizadas era tão grande, que, às vezes, os seus braços caíam de cansaço²⁸. Em uma outra carta datada de 1545 Xavier afirmou que teria convertido os três reis de Macassar (Indonésia)²⁹, um episódio que foi fixado pela vida ilustrada de Regnartius. A iconografia xaveriana foi aliás particularmente prolífica na celebração de conversões de massas, assim como de baptismos individuais, inclusive dos líderes locais.

Apesar de Francisco Xavier não ter sido distinguido com a coroa do martírio, foi escolhido como padroeiro dos mártires da Companhia de Jesus. Por essa razão, o culto e a iconografia da Companhia de Jesus difundem a imagem de S. Francisco Xavier entre os mártires da Companhia de Jesus³⁰. Do séc. XVIII data um texto panegírico muito curioso *Segni meravigliosi co i qual si è compaciuto Iddio di autorizzare il martirio dei vener. Servi di Dio Ridolfo Acquaviva, Alphonsus Pacheco, Pietro Berna, Antoni Franceschi, e Francesco Aragna della Compagnia di Gesù succeduto nell'India il di 15 Luglio 1583*, pelo italiano Andrea Budrioli estabelecendo uma continuidade ou um nexos causal entre as figuras de Francisco Xavier, Rodolfo Acquaviva (líder do grupo de cinco jesuítas martirizados em Salsete de Goa em 1583) e Francesco Mastrilli martirizado no Japão em 1637. Francisco Xavier teria profetizado o lugar exacto do martírio de Acquaviva. Este, por sua vez, ter-se-ia manifestado em uma aparição ao Cavaliere Mastrilli³¹.

Francisco Xavier, "O Milagre dos Milagres"

Os milagres constituem requisito para a canonização. Desde 1543 Francisco Xavier tinha a fama de realizar milagres, sendo, por isso, conhecido como "O Milagre dos Milagres". A negação pelo próprio Francisco Xavier de ter ressuscitado um rapaz em Combuturê em 1543 não obstou a que este pseudomilagre ou milagre falso tivesse sido incluído na bula da sua canonização e destacado, por isso, pela decoração do *Il Gesù* durante as respectivas festividades³². Em 1622 a Sacra Ruota atri-

²⁸ "Carta de Francisco Xavier aos seus companheiros em Roma, Cochim, 15 de Janeiro de 1544", in *São Francisco Xavier Obras Completas*, ed. Francisco de Sales Baptista SJ (Braga e São Paulo, Editorial Apostolado da Oração e Edições Loyola, 2006), 141.

²⁹ "Carta de Francisco Xavier aos seus companheiros em Roma, Cochim, 27 de Janeiro de 1545", in *op. cit.* 2006, 225.

³⁰ Fondo Schurhammer, Schurhammer-VI-2155.

³¹ Andrea Budrioli, *Segni meravigliosi co quali si è compiaciuto iddio di autorizzare il martirio de Vener. Servi di Dio Ridolfo Acquaviva, Alfonso Pacheco, Pietro Berna, Antonio Franceschi e Francesco Araña* (Roma: Antonio de Rossi, 1745).

³² Pietro Tacchi Venturi, "La canonizzazione e la processione dei cinque santi negli scritti e negli disegni dei due contemporanei: Giovanni Bricci e Paolo Guidotti Borghesi", in *La Canonizzazione dei Santi Ignazio fondatore della Compagnia di Gesù e Francesco Saverio apostolo dell'Oriente* (Roma: Comitato Romano Espano per la Canonizzazione nel Terzo Centenário della Canonizzazione, 1922), 23.

buiu a Francisco Xavier nada menos que vinte e quatro ressurreições. Um relicário na Igreja de S. Miguel, Munique, celebra as suas ressurreições com a seguinte inscrição: “chamou à vida vinte e cinco mortos, e baptizou cento e vinte mil pessoas”³³. De facto, em 12 de Março de 1622, o Papa Gregório XV procedeu à canonização de Francisco Xavier com base na santidade da sua vida, na sinceridade da sua fé e no número e grandeza dos seus milagres³⁴. Todavia, a fama de taumaturgo de Francisco Xavier deveu-se tanto aos milagres que lhes foram atribuídos *in vitae* como *post mortem*. A obra de Matias Peralta Calderón, *El Apóstol de las Indias y Nuevas Gentes, San Francisco Javier de la Compañía de Jesús. Epítome de sus apostólicos hechos, virtudes, enseñanzas y prodigios antiguos y nuevos*, Mexico, 1661 refere duzentos e quarenta e dois milagres atribuídos desde o México ao Sul de Itália entre os anos de 1651 e 1652.

Menos conhecidas actualmente são as capacidades taumatúrgicas atribuídas então a imagens pintadas esculpidas de Francisco Xavier. De facto, entre finais do séc. XVI e as primeiras décadas do séc. XVII, assistiu-se à proliferação de imagens de Francisco Xavier. Muitas destas imagens teriam sido distinguidas com um carácter taumatúrgico, como foi testemunhado múltiplas vezes durante as audições realizadas para a canonização de Francisco Xavier³⁵.

Destaca-se sobretudo um retrato em Cotar, Cabo Comorim. Em 1603, o Geral Cláudio Acquaviva decidiu construir a primeira igreja dedicada a Francisco Xavier em Cotar, Cabo Comorim. Nesta igreja guardava-se um quadro a óleo de Francisco Xavier que, segundo a hagiografia, teria capacidades taumatúrgicas. Sebastião Gonçalves contou oito milagres atribuídos a esta imagem entre 1603 e 1610. De igual modo, dois dos relevos do túmulo em prata de Francisco Xavier ilustram milagres atribuídos a esta mesma imagem. O relevo número 30 mostra o facto considerado milagroso na altura duma vela de água arder dentro de água, como se estivesse dentro com azeite. O relevo trinta e um representa a cura do rapaz em 1604, depois que Tomé Cruz, o pai deste rapaz, rezou perante esta imagem, e Francisco Xavier lhe apareceu em sonhos³⁶.

De acordo com o cronista António Franco, foi por indústria do P. Baltasar Saraiva SJ, irmão da religiosa, que, em Moimenta da Beira, teria sido agraciada por um milagre atribuído à imagem, cópia do quadro de Francesco Mastrilli, que se distribuíram cerca de sessenta imagens do Santo em todo o Portugal. Estas imagens teriam um carácter taumatúrgico. Pois o Santo teria agradecido este favor realizando milagres por meio destas imagens entre 1657 e 1658, como está descrito numa relação guardada na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda³⁷.

³³ Bernd Paal SJ, “Spuren der Erinnerung. Die Verehrung des Heiligen Franz Xaver in der Jesuitenkirche St. Michael in München”, in *Franz Xaver, Patron der Missionen*, ed. Rita Haub e Julius Oswald SJ (Munique: Schnell und Steiner, 2002), 228.

³⁴ Gupta 2006, 146.

³⁵ *Monumenta Xaveriana*, II, 455, 479, 486-487, 513, 517sgs.

³⁶ Schurhammer, “Der Silberschrein”, 1965, 566.

³⁷ B.A., *Jesuítas na Ásia, Cod. 49-V-14, Maravilhas que fez Sam Francisco Xavier en algumas terras onde foram postas suas imagens: Alenquer, Manteigas, Lisboa, Coimbra e Cantanhede*, ff. 124-124v e Maria Cristina Osswald, “Culto e iconografia de San Francisco Javier en Portugal en los siglos XVI y XVII”, in *San Francisco Javier entre dos continentes*, ed. Ignacio Arellano, Alejandro González Acosta y Arnulfo Herrera (Madrid e Frankfurt am Main: Iberoamericana e Vervuert, 2007) 161

Francisco Xavier, "O Príncipe do Mar"

Entre os poderes taumatúrgicos atribuídos a Francisco Xavier destacam-se o seu domínio dos elementos naturais (sol, lua, terra e água). Devido às suas muitas viagens por mar, a sua iconografia foi decisivamente determinada pelos milagres que ele teria realizado no mar e que lhe valeram o epíteto de Francisco Xavier, "O Príncipe do Mar". Assim, a vida ilustrada em gravuras pelo francês Valerius Regnartius



e impressa em 1622, assim como o *Brevarium Romanum* (1635) incluíam a representação dum barco à vela para simbolizar a actividade do Santo. Este facto deriva da tradição que as orações de Francisco Xavier ou a intercessão de ele, teriam acalmado tempestades, evitado que os barcos fossem tomados por piratas e, em geral, guiado os barcos a bom porto. Citando Lorenzo Ortiz, autor da obra *San Francisco Javier, Príncipe del Mar* (1682):

"Todos os casos da sua prodigiosa vida são raros, todos ternos, todos admiráveis os que lhe sucederam no mar navegando, ou para o bem ou alívio dos que de ele dependiam. Fora do mar, raras são as suas profecias, assim como os seus milagres, as suas conversões, o seu poder e os efeitos da sua caridade"³⁸.

Alguns dos mais notáveis milagres associados a Francisco Xavier teriam ocorrido no mar. O assim chamado milagre de Achim, que teria ocorrido em 1547 foi um dos quatro milagres que decoravam a bandeira decorando a Basílica de S. Pedro nas festividades de 1622. Segundo a hagiografia, Francisco Xavier teria tido uma visão da vitória dos portugueses sobre a frota de Achim no Rio Parles, c. 90km a norte da cidade de Malaca.

³⁸ Lorenzo Ortiz, *San Francisco Javier, Príncipe del Mar*, ed. Ignacio Arellano, (Pamplona: Fundación Diario de Navarra), 2004, 47-48

Um outro milagre, segundo o qual Francisco Xavier teria convertido água salgada em água doce durante uma viagem em 1552, foi colocado em primeiro lugar da *Relatio Super Sanctitatis et Miraculis Patris Francisci Xaverii* em 1619.

Destaca-se, pelo seu carácter espectacular, o milagre do caranguejo, segundo o qual um caranguejo teria devolvido a Francisco Xavier o seu crucifixo perdido no mar perto da Nova Guiné na Primavera de 1546. Para além de ser exclusivo na iconografia hagiográfica europeia, o aspecto mais curioso seria, segundo o P. Georg Schurhammer SJ, o facto deste episódio ter entrado na hagiografia budista, a partir da iconografia europeia de Francisco Xavier³⁹. Será ainda de referir que esta lenda hagiográfica conheceu variantes curiosas, como a história transmitida pelo P. Simão de Figueiredo durante as audições de Goa de 1614, na qual o crucifixo é substituído pelo relicário e o caranguejo toma a forma dum peixe⁴⁰.

*O*utras virtudes de santidade (pureza e espírito de mortificação)

Um quadro atribuído ao pincel do flamengo Anthony Van Dyck (1599-1641) nas colecções dos Museus do Vaticano mostra anjos a colocar uma coroa de rosas na cabeça de Francisco Xavier, enquanto lhe oferecem um lírio, símbolo iconográfico da pureza ou da castidade. A difusão desta iconografia iniciou-se todavia ainda no séc. XVI. Na descrição das pinturas perdidas que decoravam o noviciado romano da Companhia de Jesus de Sant'Andrea al Quirinale nos inícios de 1580 pelo jesuíta francês Louis de Richeôme (1611) lê-se: “num dos cantos da enfermaria que tinha sido dedicada a Francisco Xavier, pode-se observar um lírio, no outro canto uma rosa. Estas flores significavam as virtudes raras da castidade e caridade deste homem santo e que eram notáveis nele”⁴¹.

A iconografia difundiu assim a iconografia de Francisco Xavier com um lírio na mão. Conhecemos várias outras representações nas quais Nossa Senhora entrega o lírio ao Santo. A virtude da pureza ou castidade foi aliás objecto de inquirição durante os primeiros processos realizados em Goa e Cochim entre 1556 e 1557, tendo sido confirmada pela bula de canonização. A difusão desta virtude atribuída a Francisco Xavier foi sobretudo difundida pela biografia de Inácio de Loyola pelo P. Pedro de Ribadeneira a partir de 1587⁴².

Em 1536 Inácio de Loyola deixou Lisboa em direcção a Veneza com os seus primeiros companheiros, incluindo Francisco Xavier. De acordo com a hagiografia e a iconografia, Loyola e os seus companheiros caminharam descalços, estavam vestidos pobremente e sofreram grandes padecimentos ao cruzarem os Alpes cheios de neve durante um Inverno particularmente agreste.

³⁹ Georg Schurhammer SJ, “Das Krebswunder Xaver - eine budhistische Legende?”, in *Monumenta Xaveriana*, ed. Georg Schurhammer (Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1964), III, 537-564.

⁴⁰ Carta do P. Simão de Figueiredo ao P. Diogo Monteiro, Goa, 25 de Novembro de 1614, in *Monumenta Xaveriana*, II, 144 e Osswald 2007, 133-134.

⁴¹ Louis Richeôme SJ, *La peinture spirituelle ou l'art d'admirer, aimer et louer Dieu*, (Lyon: chez Pierre Rigault, 1611), 427.

⁴² Usamos a reedição mais recente da biografia do P. Inácio de Loyola pelo P. Ribadeneira data de 1989. (Pedro de Ribadeneira SJ, *Vita de Ignatio de Loyola* (Milão: Claudio Gallone, 1989).

Esta viagem foi para Xavier a primeira de muitas viagens caracterizadas pelo perigo e pelo sofrimento. Entre estas inúmeras viagens, destaca-se a célebre viagem ao Japão. A missão de Xavier ao Japão tornou-se aliás um tema favorito dos artistas através de ciclos de cenas dedicadas ao tema, como acontece no ciclo da Merced de Quito, séc. XVIII. Segundo o protótipo iconográfico mais comum, Francisco Xavier é representado a caminhar descalço, enquanto o guia japonês monta o cavalo enquanto indica o caminho. Xavier pronuncia o celebre lema “Mais, mais, mais”, pedindo assim mais mortificação. Ainda dentro deste tema de mortificação, inclui-se a prática de autoflagelação compreendida como acto de disciplina e penitência física e psíquica.